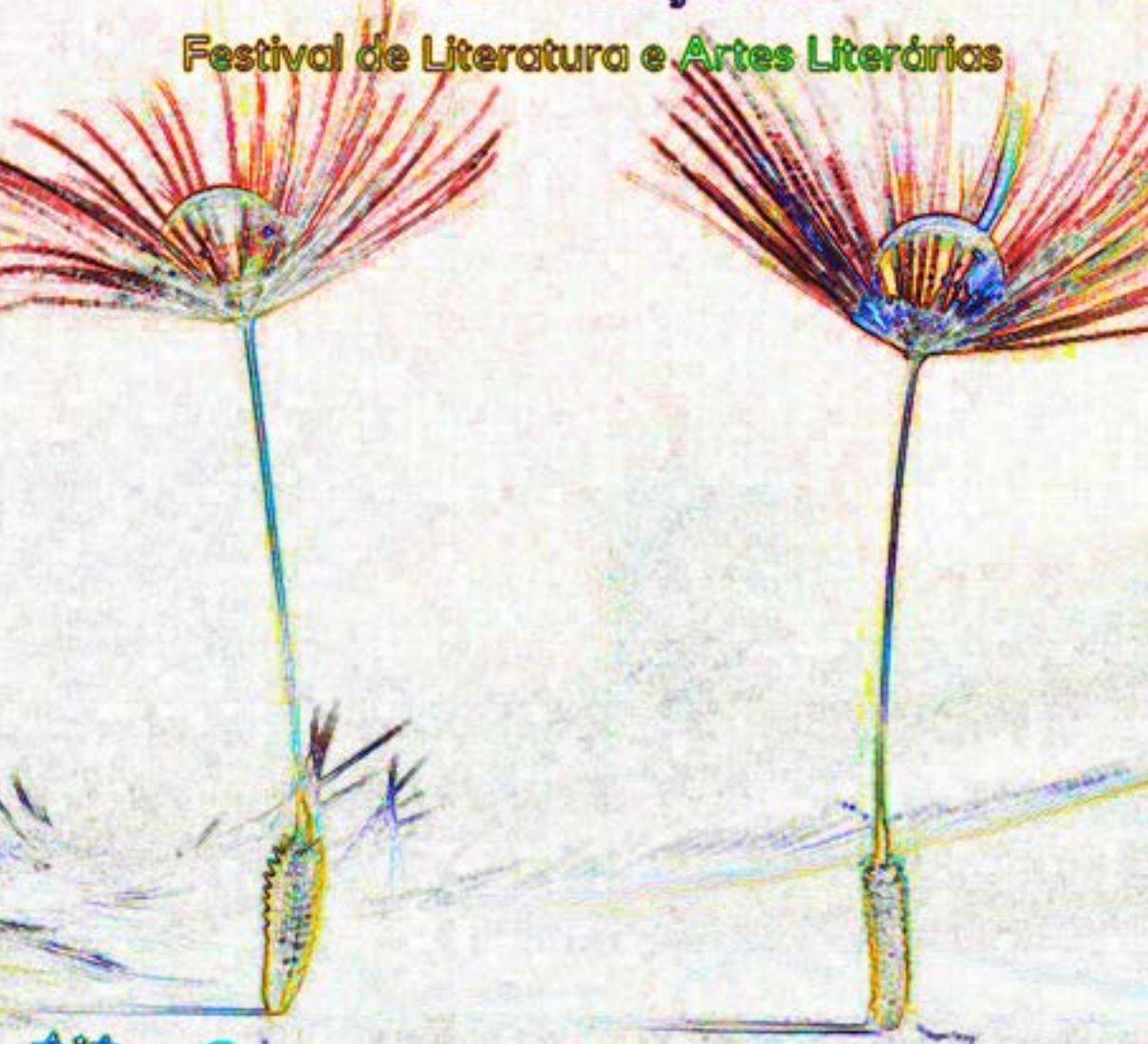


COLETÂNEA CONTOS E POESIAS

Concurso de Textos Anônimos

6º FLAL - Edição 2019

Festival de Literatura e Artes Literárias



Organização: Nell Morato

Todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir, executar, criar obras derivadas, nem fazer uso comercial sem a devida permissão do autor.

Copyright by FLAL Festival de Literatura e Artes Literárias
O conteúdo desta obra é de responsabilidade do Autor,
proprietário do Direito Autoral.

Arte de Capa: Nanci Penna
Revisão de Texto: Nell Morato
Diagramação: Nanci Penna

Imagens Licença Gratuita:
Pixabay.com/pt/ - Grátispng.com/

Editoria:
Leia Livros Editora e Livraria

ISBN
978-65-80702-24-4

www.flalfestival.com
concursos.flal@gmail.



**CONCURSO DE TEXTOS ANÔNIMOS
6º FLAL – EDIÇÃO 2019
SEMENTES DO AMANHÃ
FESTIVAL DE LITERATURA
E ARTES LITERÁRIAS**

**REALIZADO NO FACEBOOK
DE 21 DE SETEMBRO A 29 DE OUTUBRO DE 2019**

ORGANIZAÇÃO: NELL MORATO



PREFÁCIO

Alguém disse que escrever é um ato de amor. Eu concordo, mas acrescento que é também um ato de coragem.

Coragem de expor o que sentimos, nossa visão de mundo, nossas fantasias, alegrias e tristezas.

Algumas pessoas temem escrever ou escondem seus trabalhos por medo da opinião alheia, afinal não sabemos aonde nosso texto chegará.

Outras aproveitam com sabedoria os concursos e festivais literários, o motivo é o mesmo: aonde esse texto chegará?

Não devemos temer críticas. Devemos aperfeiçoar a escrita, escrever corretamente, ler, estudar, conversar com amigos, trocar ideias com outros escritores, são formas de ter mais segurança na hora de publicar ou de divulgar aquele texto que escrevemos com tanto carinho.

Quando deixamos a imaginação fluir, imaginamos cenas que muitas vezes nos ajudam a escrever o que queremos transmitir.

Medo de não saber rimar?

Não, poesia não é só rima, é enxergar o mundo com os olhos da alma. É transmitir sentimentos, eternizar emoções vividas.

Escrever um conto, quantas páginas?

Não importa, pode ser apenas uma, onde uma ideia esteja bem construída.

O mais importante é escrever, contar histórias, descrever lugares que só você viu.

Muitas vezes a leitura que para nós escritores pode ser simples, corriqueira, é tudo que um leitor tem para conhecer o mundo.

Cristina Cimminiello

Julgar. Talvez uma das tarefas mais difíceis que se apresenta para um ser humano. Como julgar as emoções, os pensamentos, o coração, e tudo o mais que um escritor coloca no papel quando cria um texto? É complicado né? Nunca considere o resultado obtido pela sua obra, como o final, mas sim como uma orientação. Melhorar sempre, uma meta a ser seguida.

Luiz Amato

HOMENAGEM AOS MEMBROS DA COMISSÃO JULGADORA

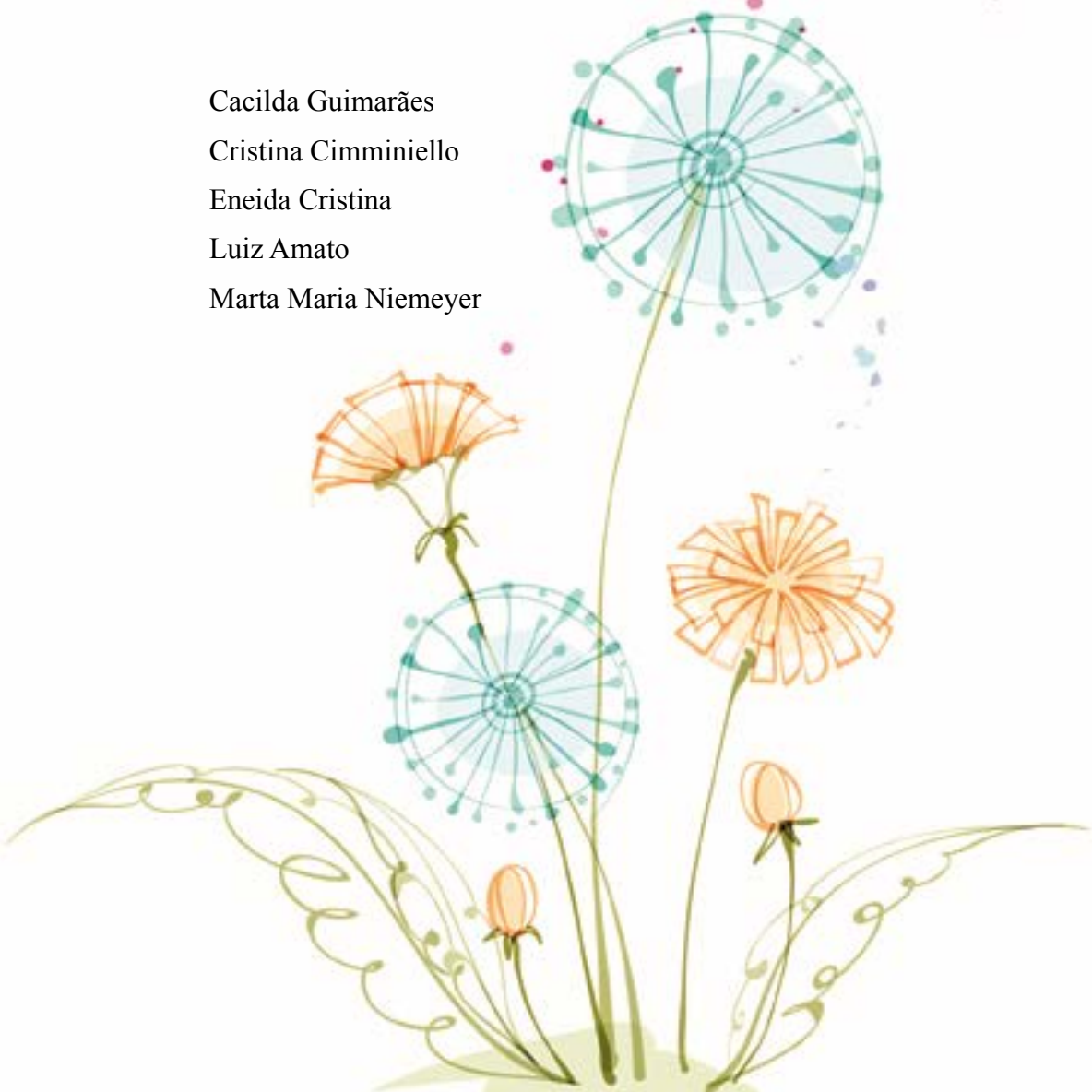
Cacilda Guimarães

Cristina Cimminiello

Eneida Cristina

Luiz Amato

Marta Maria Niemeyer



UM DIA



Um dia, o Homem foi apresentado à Gentileza, e até gostou do que sentiu...

Um dia, sem pressa, sem nostalgia, a sua vida modificar-se, ele viu!

Como entender essa necessidade de prender-se?

Mas, e se essa chance de viver, ele perdesse?

Quantas indagações... tantas ilusões! Para que, conjecturar? Seria bem mais fácil, simplesmente amar!

Contou ao amigo, que sorriu do seu sentimento... sentiu-se envergonhado, viu o sonho apaixonado transformar-se em lamento...

E seguiu o seu caminho.

Encontrou o Amor, mas já era passarinho... aquele sem pouso certo, via- jante inquieto a procura de um novo ninho.

Um dia, o Homem torna-se novamente rude, movido pelo medo daqueles que escarnecem seus sentimentos

Mas, um dia iremos embora, sem ter tido tempo de descobrir o valor de aprender a Amar todos os dias... independente da ilusória “permissão” alheia (...)

As “coisas simples” da vida, são as que nos dão forças para viver...

Um dia de cada vez!

Cacilda Guimarães

O DIA DOS NAMORADOS



- Otavio você ainda está aí? O pessoal já foi para o Bar do Joca.
- Cláudio, hoje eu não vou.
- Por que não? Hoje é sexta-feira, dia da nossa cerveja!
- Sim eu sei, mas hoje é o dia dos namorados, vou para casa jantar com a Luiza. Comprei-lhe um presente e não vejo a hora de entregá-lo.
- Dia dos namorados? Mas vocês estão casados há quanto tempo? Uns quinze anos?
- Dezesseis meu caro e essa data eu faço questão de comemorar.
- Bobagem, eu vou manter a minha rotina. Vou tomar minha cerveja com a turma e mais tarde vou para casa.
- Faça como quiser. Você e a Julia não namoram mais?
- Que namoro o quê, depois de dezoito anos de casados isso não existe mais.
- Você está enganado, tenho certeza que a Julia ficaria feliz se você chegasse mais cedo hoje levando apenas uma rosa de presente para ela. Bem tenho que ir. Bom fim de semana.
- Para você também.

Depois que Otávio saiu, Cláudio começou a recordar o início de seu namoro com Julia. O lugar onde se conheceram, os encontros furtivos porque os pais dela não queriam o namoro. Levaram dois anos para convencê-los a aceitá-lo como genro. Afinal, ele tinha um bom emprego, era formado em engenharia e trabalhava muito para garantir o futuro da família que pretendia ter.

Um ano depois do casamento nasceu Rafael, seu orgulho, estava fazendo cursinho para faculdade de engenharia. Quando pensava na filha, que nasceu um ano depois, um sorriso iluminou seu rosto. Carmem era uma menina meiga, estudiosa, queria estudar medicina.

O terceiro filho, Alexandre, não havia sido programado, nasceu cinco anos depois. Ele tinha dificuldade em aprender, depois de muitos exames médicos, descobriram que era disléxico. Foram aconselhados a dar-lhe muita atenção e carinho, com o tempo e o apoio da família ele conseguiria acompanhar os estudos com as crianças da idade dele.

Cláudio entrou no carro, mas, não sentiu ânimo de ir encontrar-se com os amigos. A conversa com Otávio e as lembranças da esposa e dos filhos o fez mudar de ideia e ir para casa. Resolveu comprar flores para a esposa e chegar em casa mais cedo para jantar com os filhos.

Chegando em casa estranhou o silêncio que ali reinava. Preocupado foi ascendendo às luzes e chamando pela mulher e pelos filhos. Ao entrar na cozinha deparou com um vaso onde havia cravos vermelhos e em frente a ele um cartão.

Deixou as flores em cima da mesa, pegou o cartão e leu em voz alta:

“Cláudio, eu e nossos filhos saímos para comer uma pizza. O Alexandre conseguiu excelentes resultados nas provas e fomos comemorar. Não o esperamos porque sabemos que hoje tem o happy hour com a turma do escritório, e provavelmente chegaremos antes que você. Pensei muito em você hoje e em tudo o que vivemos nesses anos. Obrigada pelos filhos maravilhosos que você me deu. Os cravos são pelo dia dos namorados, afinal hoje faz vinte anos que nos conhecemos. Todo meu amor. Julia.”

Ele releu o cartão e um sentimento, misto de tristeza e saudade tomou conta dele, lágrimas rolaram pelo seu rosto. A sensação de chegar em casa e não encontrar ninguém o deixou aflito.

Sem saber o que fazer, deixou-se ficar ali durante um bom tempo. Em sua cabeça passava o filme da sua vida e ele sentia o quanto perdera por não estar presente em momentos especiais para a família.

Pensou:

- Vou sair e procurá-los, mas aonde?

Há tempos não saía com eles, quando o convidavam para sair dizia sempre: “podem ir, eu preciso terminar um relatório”.

Enquanto experimentava o vazio que aquela situação lhe causara, ouviu vozes e o ruído da porta se abrindo. Os filhos falavam ao mesmo tempo, riam e quando o viram correram para abraçá-lo.

Julia observava a cena e viu o buquê de rosas sobre a mesa, ao lado dos cravos. Alexandre foi o primeiro a falar:

- Papai você trouxe flores? São para a mamãe?

Abraçado ao filho e olhando para a esposa, Cláudio respondeu:

- São sim, hoje é o dia dos namorados e a mamãe é a minha namorada.

- Hum! – fez o filho.

Rafael e Carmem, percebendo que os pais queriam ficar sozinhos, chamaram Alexandre para jogar vídeo game. Assim que saíram, Julia aproximou-se do marido e tocando-lhe o rosto disse:

- Você lembrou!

Abraçando-a, Cláudio respondeu:

- Fui um péssimo companheiro durante todo esse tempo, você pode me perdoar?

- Perdoar o quê? Perguntou ela, olhando diretamente nos olhos do marido.

- Por todos esses anos em que não te dei sequer uma rosa no dia dos namorados. Por me esquecer do quanto desejamos nos casar e formar uma família. Por deixar você sozinha cuidando dos nossos filhos. Hoje, quando cheguei e vocês não estavam foi que me dei conta do quanto fazem falta na minha vida.

Em resposta, Julia beijou o marido demonstrando todo o amor que sentia por ele. Quando se afastaram, Cláudio segurou seu rosto e disse-lhe:

- Prometo a você que não vou mais deixá-la sozinha. Acredita em mim?

- Acredito sim, sempre acreditei. Confesso que muitas vezes fiquei triste por você não se lembrar dessa data, não por ser o dia dos namorados, mas porque foi nesse dia que começamos a namorar.

- Fui um tolo, mas não vou mais deixar que isso aconteça.
- Você está ouvindo as risadas?
- Estou, vamos nos juntar a eles?
- Vamos sim, tenho certeza que ficarão felizes por estarmos todos juntos. O tempo passa muito depressa, não devemos perder momentos tão preciosos.

Cláudio e Julia juntaram-se aos filhos e a alegria das brincadeiras contagiou a todos. Cláudio finalmente entendeu por que Otávio nunca deixou de comemorar o dia dos namorados.

Cristina Cimminiel

FLOR ETÉREA



Eu sou a bruma
que te tocou o coração
a flor agreste encantada e etérea
que te perfuma as noites

Eu sou o amor!

O anjo que te inspirou
um sonho dourado
aquela que veio do éter da vida
para ti
Eu sou aquela que te ama!

E tu, amor, és rio
que no meu peito cresceu
e virou mar, e oceano

És o sal
e o amor da minha vida!

Eneida Cristinna

LEMBRANÇAS



As estrelas produziam um efeito mágico. O cometa, que por uma das coincidências magistrais do universo, cruzou os céus nesse instante, emprestava mais fulgor à imagem.

Ela segurou firme a mão da irmã mais nova.

- Houve tempos em que pássaros coloridos com seus cantos maravilhosos eram os donos das florestas. Das árvores frutíferas.

A pequena suspirou fundo.

- Quedas d'águas e delicados riachos com a sua fauna exuberante traziam beleza e fartura para todos nós.

- Tinham muitos peixinhos?

- Sim. Não só peixes, mas também frutas, flores e pequenos mamíferos. Tudo era muito bonito.

Trovões ressoaram.

- Mas como papai nos contou, a ganância humana deu fim há tudo. Acho que você não se lembra, pois era muito novinha.

- Por que eles acabaram com os bichinhos?

- Não só os bichos, mas com todo o resto. E tudo isso por querer cada vez mais poder.

- Então, eles que são os culpados por nós não mais ouvirmos as cigarras cantarem?

- Sim. Se não fosse por eles poderíamos agora ver uma miríade de vaga-lumes brincando com a escuridão. Apaga e acende, num espetáculo de luzes.

- Crianças. Venham para dentro. Papai conseguiu caçar e hoje temos comida.

A mais velha pegou a mão da irmã. Com uma bengala a conduzi-las adentraram a choupana.

O efeito das explosões atômicas e da radiação dizimara as pessoas. Poucos sobreviveram. Logo mais nenhum ser humano existiria no planeta terra.

Mutações genéticas cobravam um terrível preço dos que subsistiam no calcinado planeta.

A mais nova geração de crianças nascera sem os olhos.

FIM

Luiz Amato

A PULGA EMPOLGADA



A Pulga Empolgada cansada de viver no sovaco do cachorro Tutu, sai à procura de outra moradia e se acomoda, dentro da cueca do Zé Cascata.

Esconderijo perfeito, fresquinho.

Toda animada conversa com seus botões.

- Que legal! Aqui têm de tudo!

Um dia a Pulga Empolgada leva uma pancada... outra pancada, mais outra pancada e outra...

Um cheiro forte de riqueza! Sai pulando, parece dinheiro.

Contente, toda sorridente, começa a sonhar.

- Nem acredito. Vou sair por aí e comprar muitas coisas legais:

Um celular novo, carro zerinho, sapatos finos e bolsas caras.

Quero viajar pelo mundo, conhecer à fundo.

- Tchibummmmm!

Cai dentro do lago, sai engasgada, tossindo alarmada.

Olha para o lado, vê um edifício muito grande, com duas conchas, uma virada emborcada.

Olha para o outro lado, ali está o Zé Cascata sorrindo com duas cuecas samba-canção, uma em cada mão recheada com pacotes de dinheiro.

Ela para e pensa:

- Eca, o cheiro de fraude é pior que fralda usada!

Aqui não fico nem mais um minuto.

Quero voltar para meu Tutu:

Amigo, leal, irmão honesto vai me aceitar certamente...

Tutu recebe com carinho, beijos e lambidas.

Sorrindo faz festa.

- Sem você, como posso coçar?

Marta Maria Niemeyer

The background features a delicate floral pattern. On the left side, several thin, blue, slightly curved stems rise vertically, each topped with a large, spherical, purple flower head. These flower heads are composed of numerous fine, radiating lines, giving them a spiky or dandelion-like appearance. Scattered throughout the white background are smaller, fainter flowers in shades of pink and light purple, some appearing as soft, out-of-focus circles. The overall aesthetic is light and artistic.

CONTOS E POESIAS

SOFRI NA PELE



Nasci em 15 de setembro de 1973

Fui registrada de cor branca

Mas com o tempo, ao crescer,

A pele foi ficando escura

Minha mãe também era morena

Meu pai branco

Na família do meu pai eram todos descendentes

De negros.

Por parte da minha mãe, descendentes de índios e negros

Logo após um ano nasceu minha irmã,

Loira de olhos castanhos esverdeados.

Minha mãe me colocou de escanteio

Minha avó paterna percebendo o descaso

Pegou-me para criar.

Cresci,

E notável era tal tratamento

E a aversão a minha pessoa

Sempre que se referia a mim,

Assim me chamava

Carinhosamente...

Sua negrinha,

Sua fedida,

Sua macaca,

Negra preta,

Perceptível era o amor
Que esbanjava por mim, nesse exato momento,
Meu coração doía.
Minha resposta...
Minhas lágrimas que escorriam.

Severiana Paulino Rodrigues

001CTA2019

DESDE QUE TE VI



Desde que te vi
Meu coração palpitou
em um ritmo jamais ouvido.

Desde que te vi
Meus olhos brilharam
como estrelas em uma noite de lua cheia.

Desde que te vi
Meus lábios secaram
como a nascente do Rio São Francisco.

E o meu coração
Dançou
em uma melodia
desconhecida por mim.

E naquele momento,
eu soube.
Era você!

Lorena Tomaz de Oliveira

004CTA2019

GANÂNCIA DESENFREADA



Não é a dificuldade que te impede.
Não são os momentos ruins que te repele.
O que há é a falta de coragem que tu reflectes.
Que no teu viver de embustes.
Viver desastrado e desonesto, escolheste.

Tua desgraça, não a chores,
Pois esta, a ver-te no espelho, acostumastes.
De tuas ações desonestas
E de tua tortuosa caminhada, vangloriasse-se.

As selvas destruístes.
Rios e mares poluístes.
Filhos nos ventres matastes.
Educar nunca quisestes.

Ser feliz tu queres?
Então, do ouro e da prata esquece.
A ganância desenfreada não a obedece.
Ouvir as palavras do Criador, tu deves.
Pois assim, somente assim,
A divina paz do céu desce.
E a semente do amanhã florirá
E terás conseguido o que pedistes

Em preces.

Renato Galvão

007CTA2019

NÃO HAVERÁ CAMINHOS QUE SE POSSA TRILHAR...



Não haverá caminhos que se possa trilhar.
Não há rainhas ou reis de ouro ou prata
Que o amor possa enclausurar.

Nem sábios ou ignorantes,
Nem poderosos ou humilhantes
Que possa o amor descartar.

Foi por amor que recebemos
A dádiva do Criador.
Foi por amor que Nos criou.

Foi por amor que viemos.
Foi por amor que nascemos.
Foi por amor que Michael nos enviou.

Foi por amor que o mais
Humilde se fez humano
E ousou amar esses seres estranhos.

Foi por amor que Ele se destacou nesse mundo errante.
Foi por amor que Michael de Nebadon
Surpreendeu os universos com seu dom.

Foi por amor que tudo se fez luz.
Foi por amor que nos perdoou.
Foi por amor que nossas vidas, transformou.

Não há caminhos que se possa trilhar.
Não há amor que se possa desprezar.
Não há amor que se possa ignorar.

Sem amor, só haverá escuridão.
Sem amor, não se praticará o perdão.
Sem amor, somos servos da solidão.

Sem amor, não adianta semear.
Sem amor, nada florirá.
Sem amor, a semente do amanhã morrerá...

Sem amor, não haverá luz eterna.
Sem amor, não se pode brilhar.
Sem amor...
Não haverá caminhos que se possa trilhar.

Renato Galvão

009CTA2019

COMO PODERIA?



Tu dizes que me amas, mas,
Como poderia me amar
se nem ao menos conhece o meu íntimo?
Como poderia me amar
se nem ao menos sabe decifrar o meu olhar?
Como poderia me amar
se nem ao menos sente o calor do meu toque?
Como poderia me amar
se nem ao menos sabe o que é o amor?

Lorena Tomaz de Oliveira

014CTA2019

SINTÉTICO DESCANSO



Não dormia uma noite sem interrupções, já há um bom tempo. Os pensamentos em ebulição a deixavam sempre em estado de alerta, e o corpo implorava por descanso.

A madrugada tornara-se sua constante companhia e as janelas, os portais da noite.

As horas arrastavam-se como que a puni-la, por observar os eventos que não admitem testemunhas, é justo neste horário, que os segredos mais sombrios são revelados...

Já fazia parte da rotina assistir o dia apagando à noite, a moça estava exausta...

E quando enfim, a luminosidade da manhã invade suas retinas, causando-lhe um desconforto dolorido, ela vai em busca de algo que a “desligue” momentaneamente, para logo mais, dali a algumas horas, retornar ao seu posto de guardiã da noite.

Abre a gaveta da escrivaninha, e uma pequena esfera rosada salta-lhe aos olhos, num gesto robótico tira-a da cartela, engole sem água e deita.

O “sintético descanso” não demora e ela dorme, não o sono dos justos, mas o sono dos que sofrem.

Rita Coruripe

019CTA2019

SEMENTES DO AMANHÃ



Se quero colher
Preciso plantar.
Eu, você, nós todos.

Cada escolha
Todas escolhas
São sementes do amanhã.

Ainda que surpresas
Incertezas
Limitações
Fujam das mãos...

Ter consciência
Amor
Paciência e consistência
Garantem frutos mais doces...!!!

Maria Teresa Moreira

021CTA2019

DESAFIOS DA VIDA



As pessoas afirmam que para conseguirmos realizar os nossos sonhos devemos trabalhar e estudar.

Com o alto nível do desemprego está difícil arrumar um emprego.

Apesar de estudarmos, tornou-se quase impossível ser aprovado no curso de uma boa universidade pública ou para um concurso bem remunerado.

Na nossa sociedade aumentaram a violência e os preconceitos.

Trabalhar e estudar continuam sendo as melhores armas, para vencermos os desafios da vida.

Precisamos nos adaptarmos as diferentes situações na vida.

Um copo de água tira a sede do ser humano, e um prato de comida a sua fome.

Com o fogo fazemos a comida e nos aquece no frio.

Mas o fogo pode queimar uma casa, o prédio e a floresta além de tirar a vida de inúmeros seres vivos.

A água é fundamental à todas as espécies vivas, mas sempre teve afogamentos nos rios e mares.

Devemos incluir a destruição de um temporal.

Muitos afirmam ser chato ler um livro, mas é fundamental lermos para adquirirmos novos conhecimentos.

Inúmeros estudantes detestam ir na escola por acharem as aulas cansativas. Mas sem o aprendizado adquirido no ensino escolar, teremos inúmeras dificuldades em sobrevivermos no mundo.

As Sementes do Amanhã é o aprendizado e os novos conhecimentos adquiridos no momento atual.

O emprego é fundamental à nossa sobrevivência na sociedade.

Mas a natureza nos oferece gratuitamente o brilho do sol, a chuva, a beleza das flores...

Do amor existente em nossos corações brotam novos frutos, esperanças e felicidades nas nossas vidas.

Através da solidariedade e do trabalho voluntário, descobrimos novos valores em nossa existência.

Pois vale a pena estarmos vivos e aceitarmos os desafios saudáveis da vida.

A mulher grávida gera uma nova vida no seu ventre.

O aluno estuda para adquirir novos conhecimentos.

Os pais amam e educam os seus filhos para se tornarem cidadãos honestos e trabalhadores.

Evitando a poluição e protegendo a natureza estaremos preservando o planeta Terra para as próximas gerações.

Amando a si mesmo, ao próximo e a vida, temos certeza que vale a pena estarmos vivos.

Tania Tonelli

023CTA2019

AMOR



Amor perdido,
que se foi...

Amor sofrido,
que se foi...

Amor bandido,
que se foi...

Amor inocente,
que se foi...

Amor carente,
que se foi...

Amor doente,
que se foi...

Amor inconsequente,
que se foi...

Amor verdadeiro,
que chegou...
todo resto...se foi.

Ana Rosenrot

024CTA2019

SOBRESSALTO



Estava nervosa, simplesmente nervosa. Havia horas que passara no aeroporto e toda aquela espera me deixara nervosa. Não sei bem porque, mas aquele indivíduo punha-me assim... Nervosa! Não havia ordem para decolar e embora eu estivesse colada no acento, pensar o tempo que ali tinha de ficar punha-me nervosa; ser observada deixava-me simplesmente nervosa! E a forma como ele o fazia não dava espaço às palavras. Cansada, com sono, cheia de sonhos e responsabilidades.

Desta viagem nasceriam os frutos do futuro!

Por vezes tinha a sensação de que ia adormecer por ali mesmo, todo o corpo parecia estar dormente e desesperadamente pedia para dormir.

Nada a fazer. Pronta para decolar! O indivíduo parecia concentrado e compenetrado a ler, a mim, o passar do tempo tranquilizava-me, e entreguei-me à melancolia da viagem, acho até que adormeci.

Vão ser fantásticas as novidades do meu regresso, tenho a certeza!

Quando de repente, completamente sobressaltada entre gritos, navalhas, armas e todo o avião em pânico.

Sentia-me culpada pelos fetiches que deixei que se apoderassem do meu sonho, com aquele mesmo indivíduo que tinha o poder de me deixar nervosa. Sim, decididamente. Ele me deixava nervosa. E até ali perante uma situação de terror ele parecia deixar-me mais nervosa ainda.

Turbulência...

Quando o avião conseguiu finalmente seu equilíbrio, depois de todo o pânico, eu acordei e foi aí que de novo, dei de frente com o mesmo indivíduo, ainda sentado ao meu lado, serenamente, tal como quando na decolagem, retirou o cinto e sorriu, perguntando se precisava de ajuda. Aborrecida, logo lhe respondi torto e retirando suas enormes mãos de cima do meu corpo, achando tudo aquilo um enorme abuso, absurdo, perante tal cena de terror.

Este, com ar de gozo prosseguia as suas investidas dizendo: Foi cá um pesadelo daqueles. Atrevido, tinha acabado de assaltar os meus sonhos e agora desejava compenetrar minha vida. Deixei-o sair!

Fiquei nervosa, enraivecida, danada com aquela atitude, mas nunca esqueci o seu sorriso. Provoca saudades e um nervoso na alma que inquieta, ficar com saudades de um sorriso assim... De uma alma que parece ter nascido para inquietar outras.

Assim como o pesadelo que assolava a viagem e tornava impossível de esquecer.

O indivíduo sentado a meu lado colocara algo na minha cintura, dizendo ao meu ouvido muito baixinho como se sussurrasse: não te mexas, eu mal respirava.

Com a mente posta em dias melhores, limitei-me a ignorá-lo. E tudo o que me fazia viajar, e tudo que aquela viagem poderia trazer... estava convicta, eu ia conseguir!

Eu mal tinha acabado de entrar no avião, este mal tinha decolado e gerir toda aquela emoção estava a ser para mim uma torrente que me imobilizava. Confusa e em pânico.

Outros dois diziam aos gritos de arma em punho, tomamos o avião de assalto, quem se mexer morre! Gritavam friamente sem qualquer dó ou piedade.

Rapidamente um deles entrou para a cabine do piloto. Mas aquele ali ao meu lado... era... Não sei explicar... Aquele que apontava não sei o que à minha cintura, continuava respirando ao ouvido dizendo palavras que os nervos não me deixavam ouvir. Em minha cabeça passavam milhões de coisas!

Seria apenas um pesadelo?

Será que estes sabem...Que... Claro que sabem! Saberão eles que trabalho para o Estado Português? Saberão que escrevo e que posso ser uma ameaça nas suas reivindicações? Vão matar-me! Tenho a certeza que estes sabem, vão usar isso.

Tenho de ser astuta...falo de mim, para comigo.

Não sei como, mas um deles coloca a mão no braço e chama aos gritos: tu vens cá!

Coloca o braço na garganta e arrasta com ele meu corpo, até a frente, como se de um boneco se tratasse, era forte como um touro. Fez-me ligar para a torre de controle a avisar que o avião pretendia mudar de rota, que dentro deste seguia um grupo de indevidos, que pretendiam escapar, apenas e só, escapar!

Que o plano estava estruturado e que levariam com eles todas as vítimas até as últimas consequências.

Voltando a arrastar-me, não movendo eu nem os olhos, voltando a colocar-me no respectivo acento e de novo ao lado do mesmo indivíduo. Indivíduo este, que abriu de imediato os braços para me acolher. Eu tremia, já não sei se por medo ou nervos, mas tremia desesperadamente.

Seguindo-se vozes:

Sei que trabalha para o governo português.

Pelos vistos todos sabem!

Shiiii, não chame mais atenção para nós. Como pretende viajar sem segurança? Quando fui lá dentro, entrei em contacto com a base em Portugal.

Diga-me: O que viu na cabine do piloto?

Não sei, não me lembro... Estou demasiado nervosa para conversa, demasiado tensa para contar... O que faz aqui? O que pretende de mim? Posso trabalhar para o governo, mas não fui treinada para este tipo de situação, e o indivíduo sorriu. Fico ainda com mais pânico e confusa.

Estranho, por que sorri ele para mim? Afinal, era ou não era mais um?

E que nervos me fazia o ar daquele indivíduo! Sempre com ar acolhedor e distante, carregado de simpatia, mas sem afectos.

Quando um dos indevidos dá uma rajada de tiros no avião e me perco em gritos, o avião parece começar a perder o equilíbrio, todos gritam, todos se levantam, todos... e quando o avião finalmente se encontra em terra, acordei! Foi aí que vi de novo o indivíduo, ainda sentado a meu lado, serenamente, tal como quando da decolagem. Retirou o cinto e sorriu perguntando se precisava de ajuda? Aborrecida e ainda desorientada, sem norte, logo lhe respondi torto de novo, retirando suas enormes mãos leves de cima do meu corpo.

Volta, e mais volta e volta ao ponto de partida.

Mas ele com ar de gozo diz: Foi cá um pesadelo daqueles.

Intrometido, arrogante...

Atrevido, tinha acabado de assaltar os meus sonhos e agora desejava compenetrar em minha vida. Deixei-o sair, fiquei nervosa com aquela atitude, mas nunca esqueci o seu sorriso. Saudades do momento.

Apesar do enorme susto e da minha triste figura ridícula, aquele sorriso deixara-me enamorada. Como poderei eu voltar a vê-lo? Quem sabe o destino volta a colocá-lo em meus sonhos, e floresce o amor que tanto sonho.

Vieirinha Vieira

025CTA2019

AMARGO PRESENTE



Eu não sinto sua falta, sinto do que você era, ou do que costumava ser.

Sinto falta das conversas bobas, das besteiras, das promessas e dos momentos em que falávamos sério.

Sinto falta de quando nos avistávamos de longe e corríamos para dar aquele bom abraço.

Sinto falta do teu ombro, nos momentos que eu mais precisei e nos que você mais precisou, eu te dei o meu.

Sinto falta das zoações e dos momentos de drama...

Sinto tua falta.

Estou falando de um amor? Talvez.

Pois você, minha amiga, acaba se tornando meu amor, minha caixinha de segredos e desabafos, você minha amiga...


Eu sinto tua falta.

Victória Araújo

029CTA2019

**TEXTOS SELECIONADOS
PELA COMISSÃO
JULGADORA.**





SEXTO
Lugar

Carlos Poeta

Diego Sant'Anna

Aline Duarte

Rosemari Gindri

Regina Ruth Rincon Caires

Severiana Paulino Rodrigues

Damião Oliveira

Poeta Jardim

Vieirinha Vieira

Michelle Louise Paranhos

Maria Teresa Moreira

Victória Araújo

CRIANÇAS



Crianças minhas, crianças suas, crianças nossas

Formam lindos times

Oh! Crianças maravilhosas

Almas sublimes

Infância

Fase deliciosa

Mágica no brincar

De forma prazerosa

Aprendendo a amar

Escolhendo no dom da vida

Um caminho a espelhar

Essas crianças arteiras

Presentes em nossas lidas

Sempre de forma faceira

Alegram nossas vidas

Não param brincadeira

São bênçãos queridas

Que preenchem com esplendor

Como lindas margaridas

Nossos jardins com seu amor

Surgem como luzes benditas

Refletidas

Dos jardins do Criador!

Carlos Poeta

003CTA2019

DESERTO DE IDEIAS



Meu coração enfurecido
Rasteja pelas dunas de um deserto de ideias.
Contando a história de um povo esquecido.
Com letras livres e onomatopeias.

De seus heróis, assassinos e donzelas.
Sentindo o sabor dos labirintos.
E as sombras que dançam a luz de velas,
Sobre os infinitos rastros de sentimentos instintos.

Meu corpo chora ao toque de velhas memórias.
A recordação de um passado remanescente.
O legado de lutas e glórias.
O destino de uma herança quociente.

Meu coração almeja pelo suor febril,
Pelo amor de uma paixão flamejante,
Onde o sonho desperta o espírito bravio
Em busca da penumbra itinerante.

Meus olhos fotografam as sensações
Em cada verso que respira.
Bebendo a transpiração de pensamentos e emoções.
Abraçando a poesia que me completa e me inspira.

Diego Sant'Anna

005CTA2019

ESCRAVIDÃO



Quebre as correntes que aprisionam
Deixe-as cair ao chão
O pó se levanta
Junto com a verdade não dita

Tire as vendas que cegam
Veja a vida ao seu redor
O brilho do amanhecer
O sorriso inocente

Ouça a canção cantada por mil vozes
Um coro que clama por liberdade
Dobre os joelhos e agradeça
Por não ser mais escravo

Da ganância, do vício
De acúmulo de bens materiais
E de sentimentos que não trazem paz

Aline Duarte

006CTA2019

MARIA DO CEMITÉRIO



Maria era uma mulher comum, com um marido comum, com filhos comuns, mas com uma vida de muitas dificuldades.

José, seu marido era jardineiro, profissão de quem não tem profissão. Todos os dias, bem cedo ele pegava o velho carrinho de mão e dentro dele colocava enxada, tesoura grande de aparar as folhas das árvores, serrote, rastelo e uma marmitta, que enrolava em um pano velho para proteger da poeira. Se conseguisse um serviço mais demorado, que o impedisse de retornar para o almoço, por certo que aquela marmitta fria, que continha arroz, feijão, farinha de mandioca e um ovo frito, saciava sua fome.

Mas nem sempre conseguia trabalho. Essa vida difícil que o deixava deprimido, acabou levando-o a buscar o remédio que muitos de sua classe social utilizavam: a pinga, “medicação” barata, vendido sem receita médica e disponível em todos os bares da cidade.

Nesses locais simples, o som alto atraía muitos homens, tão desiludidos quanto ele e os bancos de madeira os acomodavam. As velhas prateleiras exibiam as tentadoras garrafas de cachaça e conhaque vendidos em pequenas doses. Quando José se excedia no prazer, um agradável torpor tomava conta dele e o esquecimento acontecia; assim, a bebida destilada passou a ser sua fiel companheira, até que a morte os separou. Mas ela também produzia outro efeito igualmente danoso: fazia com que ele ficasse valente, brigasse com algum sujeito tão alcoolizado quanto ele e, como consequência disto, muitas vezes, machucado e desorientado, acabava dormindo na rua.

Maria/comum também ficava deprimida, sentia fome e via os filhos definhando, mas não bebia. Depois que a filha mais velha completou dez anos, ela resolveu deixá-la como responsável pelos irmãos menores e saiu à procura de trabalho. Muito magra e maltrapilha, depois de bater em muitas portas e receber não, percebendo que não teria sucesso, ela desistiu. Também pensou que poderia lavar e passar roupas, o que

algumas vizinhas faziam, mas isso era difícil, porque em sua casa não havia água encanada nem energia elétrica. E, mesmo que apenas as lavasse, a fumaça que saía do fogão a lenha poderia impregnar-se nelas e isso desagradaria as clientes.

Maria/comum tinha um lado incomum: atração por cemitérios! Ela gostava muito de visitar o que ficava próximo à sua residência. Achava lindo os seus enormes túmulos de mármore e as estátuas de anjos. Gostava de ver a variedade de flores que ornamentavam os túmulos e, por incrível que possa parecer, gostava do odor que as velas acesas exalavam.

Quando ali chegava, sentava-se em um banco de ferro e desfrutava do silêncio que imperava na terra dos mortos, sentindo a paz que não havia em sua casa; aspirava o cheiro das flores, das velas que queimavam, olhava os túmulos, lia o nome dos seus moradores e, para facilitar o deslocamento dos vivos, arrancava algumas ervas que teimavam em nascer no espaço que separava as pequenas construções. Ela também espantava os cachorros famintos que, em busca de comida, insistiam em cavar nas sepulturas rasas. Antes de ir embora, seguindo orientação que recebera de sua mãe, fazia uma oração, pedindo que as almas permanecessem ali: tinha medo de retornar acompanhada e seu barraco ficar mal-assombrado.

Em uma tarde sombria, terminando as tarefas que gostava de executar, percebeu que estava sendo observada por um homem e sentiu medo. Aproximando-se dela, disse:

- Venho aqui com frequência para cuidar do túmulo dos meus familiares e vejo-a zelando do lugar. A senhora foi contratada pela Prefeitura?

Percebendo que ele não representava perigo, mais aliviada, ela esboçou um sorriso e respondeu:

- Não senhor, não sou zeladora! Venho aqui porque gosto desta paz e faço uma pequena limpeza porque penso que os mortos merecem sepulturas bem cuidadas.

- Também penso assim. Minha mãe era muito cuidadosa e gostava de flores, por isso venho zelar pelo túmulo dela.

Seguiu-se um silêncio constrangedor e o senhor que aparentava ter boa situação econômica voltou a falar:

- Vou lhe propor um negócio: o que acha de cuidar do túmulo de minha família? Posso antecipar uma quantia para a senhora trocar as flores toda semana e manter o lugar limpo, deixando um pouco a mais de dinheiro como pagamento pelo seu trabalho. Daqui a um mês eu volto para conferir o serviço e, se for do meu agrado, a senhora a receberá todo mês.

Atônita, ela apenas conseguiu dizer:

- Mas o senhor nunca me viu antes, como sabe que não vou ficar com todo o dinheiro para mim?

- Eu a observo, não é de hoje. Vou arriscar. Se a senhora não fizer o combinado o meu prejuízo será pouco.

Mais animada, ela concordou:

- Eu vou fazer, sim, com o maior cuidado, pode ficar sossegado. Qual a flor preferida de sua mãe?

- Rosas de todas as cores!

- Então fica combinado: comprarei rosas de cores diferentes e sua mãe vai ficar feliz!

Sem ao menos perguntar seu nome, ele colocou a mão no bolso e entregou algum dinheiro:

- Para as velas, flores, fósforos e o troco dá para senhora comprar alguns mantimentos.

Ao sair, voltou-se para Maria ainda afirmando:

- Eu tenho certeza que minha mãe vai ficar feliz ao ver sua sepultura bem cuidada.

E Maria/comum tornou-se zeladora não oficial do túmulo. Esse primeiro cliente indicou-a para alguns amigos e outros foram chegando. Depois de alguns anos sua renda era alta e ela juntou dinheiro para construir uma casa de tijolos, mandando instalar água e energia. E Maria /comum passou a sonhar. E seu marido? Bebia cada vez mais, porém isso não a incomodava. A alegria dos filhos compensava qualquer dificuldade e ela foi imensa quando viram os entregadores chegando com

uma geladeira. Algum tempo depois chegou a máquina de lavar roupas. A filha mais velha passou a cuidar da casa e dos irmãos menores porque ela assumiu tanto trabalho que saía cedo, retornava para o almoço e, muitas vezes, trabalhava à tarde também. Ela assistia sepultamentos diariamente e oferecia seus serviços às famílias dos novos moradores do campo santo. Passou a ser conhecida como a Maria do Cemitério e isso, para ela, era motivo de alegria.

Como, depois do nascimento do último filho, com medo de mais uma gestação, ela havia dito ao marido que nunca mais teriam relações sexuais e manteve a palavra, por isso ele arrumou outra mulher que bebia tanto quanto ele. E Maria ficou feliz: não tinha mais o compromisso de satisfazê-lo e nem de zelar por ele.

Pouco tempo depois de ter ido morar com a nova companheira, José, começou a vomitar sangue, definhava rapidamente e tinha alucinações. Seu sofrimento durou alguns meses e, sem poder cuidar dele, a nova companheira informou à família a sua condição. Mesmo pensando que não tinham obrigação de cuidar do pai que os abandonara, os filhos providenciaram sua internação. Tendo recebido diagnóstico de cirrose hepática em estado avançado, poucos dias depois disto, José morreu, ou descansou, segundo familiares. Foi enterrado no cemitério que ela trabalhava? Não, aquele fora o primeiro espaço destinado aos mortos da cidade; era para gente rica, tinha poucos terrenos disponíveis, e o valor era alto. Aos pobres era destinada uma área bem afastada do centro e para lá o esmirrado corpo de José foi levado em um caixão barato. Ao seu velório poucos familiares e alguns colegas do bar compareceram. Maria do Cemitério pensou que era importante despedir-se dele e assim o fez: chegou com um vaso de crisântemos e um maço de velas, para que, depois de acesas, produzissem a iluminação necessária à trajetória que sua alma trôpega iria percorrer. Rezou um Pai Nosso e uma Ave Maria e seu coração ficou em paz.

Maria do cemitério ficou viúva e achou que isso era bom.

Participando do enterro do ex-marido ela conheceu outra realidade: um cemitério destinado aos pobres, com covas rasas, flores de plástico enroladas nas cruzes enferrujadas e muitas sepulturas sem placas de identificação. Naquele momento ela tomou uma decisão: - não quero ser enterrada aqui! E começou a economizar para garantir sua última morada no lindo cemitério que era seu refúgio, sua alegria e ganha-pão há décadas. Conseguiu comprar um terreno e mandou construir um jazigo. Mas sentia que ainda estava insatisfeita, não

sabia o porquê. Algum tempo depois ela entendeu: faltava um caixão bonito, confortável, forrado com veludo e janelinha de vidro para as pessoas poderem ver seu rosto. E voltou a economizar para garantir esse luxo. Demorou para pagar. Quando quitou as prestações pediu que o entregassem na sua casa.

- Como, entregar? Deixe aqui, a senhora vai demorar para usar. Quando a senhora morrer os filhos vêm retirar, foi o que disse o vendedor, sorrindo.

- Não, quero ter certeza que vão me colocar no que comprei. Vai que os meninos precisam de dinheiro e trocam este por um baratinho...

-Onde a senhora vai guardar?

- No meu quarto, tem espaço...

E assim o fez. Os filhos pensaram que a mãe havia enlouquecido e não ousavam entrar no seu quarto. E os netos, então? Nem se fala. A novidade espalhou-se rapidamente pela vizinhança e algumas pessoas passaram a visitá-la na esperança de verem o objeto fúnebre. E Maria do Cemitério passou a ser conhecida como Maria do Caixão.

Mesmo demonstrando estar bem de saúde, em uma linda manhã, Maria não apareceu na cozinha para tomar seu chimarrão. Estranhando sua ausência, um filho foi até o seu quarto: deitada na cama, com aspecto de quem está feliz, a mãe não fazia mais parte do mundo dos vivos. Assustado, ele chamou os irmãos que ainda residiam na casa e todos ficaram muito tristes.

Tendo falecido de morte natural, depois dos trâmites legais, Maria foi colocada no lindo caixão que ficara alguns anos ao lado de sua cama, tendo sido sepultada no local que amava e havia escolhido como sua última morada.

Para ela, o mistério acabara: o véu que a separava do instigante mundo dos mortos foi desfeito e ela foi recebida com muita alegria e gratidão pelas almas amigas que a acompanhavam na desgastante luta diária para cuidar de suas moradias terrenas.

Depois disso, Maria do Caixão passou a ser Maria do Céu.

Rosemari Gindri

008CTA2019

PRELÚDIO



Pela escuridão do quarto, imagina ser noite. Ou madrugada...

Perdera a noção do tempo. Foram muitas mortes, muitos renascimentos. Tanta aflição, tantas dores, tanta luta! Mas, agora, vindo não se sabe de onde, é invadido por um deleitoso sossego.

No silêncio, entrecortado pelo gotejar do soro no equipo, os pensamentos, de maneira incansável se avolumam, se atropelam como se disputassem uma corrida derradeira. E no peito, o retumbe do coração mais parece o bater das asas inexperientes do menino passarinho. Sabe que está longe disso.

A inércia do corpo não lhe permite observar aquilo que não esteja na direção dos olhos. Vê o teto, apenas o teto. Ainda lhe restaram os ouvidos. Ouve perfeitamente. E sente o toque. Incomoda-se quando percebe os olhos mendicantes de Leninha. Sabe que ela procura uma certeza. Quer saber se ele está ali, se a escuta, se a reconhece. Mas, infelizmente, não tem o controle da resposta.

Leninha deve estar por ali, em algum lugar do quarto. Há um ressonar leve espalhado na penumbra, tão leve quanto ela. Companheira de vida, cumplicidade velada. Filhos não brotaram. Apesar da expectativa levada por toda vida, percebeu que a esperança escorreu pelos cantos dos olhos quando Leninha sentiu que as regras haviam cessado. Neste dia, chorou. Foi a única vez que se mostrou derrotada. Aconchegada nos braços ternos de Nestor, extravasou a dor da frustração. Alisava a barriga com desdém, com raiva, dizendo-se seca, estéril. Menosprezava-se.

E sabe que deveria ter amenizado a dor da companheira. O problema poderia não estar com ela! Nunca avaliaram, nunca procuraram orientação médica. Poderia ter dito isso a ela. Mas não disse. Talvez por orgulho, talvez por culpa. E ela nunca aventou tal possibilidade. Talvez por respeito, talvez por amor.

Para ele, a vida era um querer sem freios. Eram metas, metas e metas. Alcançada a primeira, nem a degustava e já era sugado pela engrenagem da próxima, da próxima e da próxima. A vida era uma moenga de momentos, de sonhos. Para Leninha, não. Passava plena pelos minutos, pelas horas, pelos dias, pela vida. Talvez o constante brilho do olhar e a perene ternura do seu trato tenham norteado e protegido a caminhada confiante de Nestor. Para ele, isso era absoluta convicção. Pena nunca ter dito a ela.

Há um ressoar de passos no corredor. Deve ser a enfermeira. Cerra os olhos. A voz suave, sussurrada, avisa que vai substituir o soro e administrar um medicamento. O líquido queima e dá a sensação que vai rasgando a veia quando injetado na canícula. Certamente deve ser sonífero. Ou analgésico. Interessante que, hoje, as feridas das costas não latejam. O colchão d'água está mais suportável, refrescante.

A enfermeira sai e Nestor reabre os olhos. Ainda bem que Leninha não acordou. Continua ressonando, mansamente. Sempre foi assim, sono profundo, restaurador. Talvez seja pela ausência de remorsos.

De volta à penumbra, os pensamentos voam para as palavras irreverentes da mãe, lá atrás. Ela dizia que todo moribundo, antes de morrer, apresentava uma melhora assustadora. Mas que isso não a enganava. Sabia que a morte era matreira e que só queria abocanhar a vítima com mais vigor. Nestor sente vontade de rir, de gargalhar... A alma gargalha.

Leninha acorda. Busca, com os pés, os chinelos no chão. Aproxima-se da cama. Agora ele a vê. Está colocada bem de frente, na mesma direção dos olhos dele. Bonita. Mesmo com os cabelos grisalhos totalmente desgrenhados, continua formosa. Serena. Mas os olhos embaciaram. Olha fixamente no rosto do amado, bem de perto. É possível sentir o respirar pelas narinas. Tão perto, tão longe... Nestor sente a carícia das mãos que passam pelos cabelos, pela testa, pelo rosto... Leninha fala com os olhos, abraça-o com cuidado. E ele se abandona no abraço. Quer matar a saudade. Quer tocar aquele rosto, agradecer, gritar o seu amor. Impossível. Mas ela sente, ela sabe. Sempre soube.

Nestor fecha os olhos. Quer emoldurar, na memória, aquele rosto. Quando os reabre, ela não está mais ali. Silenciosa, voltou ao descanso. E ele, segue envolto num turbilhão de pensamentos. Teima ser mais forte que a droga que lhe foi injetada.

De repente, o peito inicia um repique. Batidas aceleradas do coração provocam certa confusão nas ideias, parece que o corpo todo estremece, uma onda de calor insuportável percorre as veias, queima. Depois, abranda. Chega um frio abominável, insano.

Ele sabe que são as asas na constante luta pelo voo. Devem carregar o cansaço acumulado por tantos anos. Puxa vida, tem ainda tanta coisa para pensar! Mas está confuso. Não consegue conectar o fio do pensamento que estava por ali, com ele, ainda há pouco. E sente um cansaço incontornável, os olhos pesam, as ideias fogem. Nem ouve mais o ressonar de Leninha. O gotejar cessa.

O dia ainda nem clareou e o soro foi retirado. Leninha tem a certeza da qual tanto se esquivara.

Ele não está mais ali.

O velho pássaro pousou.

Regina Ruth Rincon Caires

010CTA2019

SEMENTES DO AMANHÃ



Cá estou!
Sinto que foi por um milagre!
Eu sou resultado de um milagre.
Desde a descoberta da concepção,
Sentia-me ameaçada a todo instante,
Eu não era desejada!
Estava claro para a minha mãe,
Que eu não seria bem-vinda ao mundo.
Todos os dias, contidas eram as ameaças...
Um dia eram pílulas em cima de pílulas,
Outro, drogas, que fervilhavam seu estômago,
Tudo na tentativa para me jogar fora.
Eu confesso que sentia muito medo, dela conseguir me tirar.
Eu amava incessantemente minha querida mãezinha,
Derramava lágrimas e meu coração pulsava forte e descompassado,
em cada tentativa para me matar.
Mas eu continuava ali,
crescendo e desenvolvendo-me cada dia mais e mais,
E as tentativas aumentavam,
mais e mais drogas ingeridas constantemente.
Até que um dia senti um alívio!
Eu nasci.
Os riscos tornaram-se maiores.
Fui colocada num saco escuro e suas pontas amarradas.

Logo, fui deixada numa calçada perto de um matagal.

Frio, fome e o desespero tomaram conta do meu ser
tão frágil e inofensivo.

Mais fui encontrada com vida.

Uma alma boa e generosa cuidou de mim,

E hoje, cá estou para relatar que eu renasci.

E que sou uma semente do amanhã.

Severiana Paulino Rodrigues

011CTA2019

A MARIPOSA E O FASCÍNIO PELA LUZ



É isso que fico pensando, ao analisar meus críticos mais fervorosos. Alguns generosamente, me mostram as minhas incoerências; me apontam um caminho. Mas, também tem os raivosos, que já leram e leem tudo o que escrevi e escrevo, falam que nada presta que é uma doideira e uma sandice sem tamanho, que não lhes acrescentou nada nas suas vidas e provavelmente na vida de ninguém crescerá...

Eu me pergunto o porquê de destilar tanto veneno, já que não foram consultados, e nem pagos para isso...

No entanto, parecem querer subir na minha frágil, humilde e pseudo figura, semicelebridade de cinco mil amigos no Facebook e mais de uma centena de conhecidos e de pouco mais de 250 tímidos seguidores...

A nossa pequena e frágil escada, não aguentará o peso do nosso ego e do ego dos senhores e das senhoras, Pseudo-críticos culturais.

A minha dúvida é: Se não gosta de pimenta e ela provoca hemorroidas, logo não se deve comer...

Mas enfim, tem gosto para tudo, até para sofrimentos.

Mas a pergunta que ressuscita é, que estranha atração, você “mariposa” sente pela minha singela luz, que não se importa de se queimar, ao se aproximar tanto, para me observar...

Deixando de dar a devida atenção para a sua própria luz?

Damião Oliveira

012CTA2019

LEVO COMIGO



Levo comigo minha dor
por onde quer que eu ande.
Levo os cacos dos fracassos,
guardo toda espécie de farrapo,
malas, lâmpadas, jornais,
brinquedos quebrados.
Navios fantasmas guardo.

Guardo as cores de todos andrajos,
de todas as roupas usadas,
capacetes arrancados em batalhas,
bússolas, guitarras, mapas.

Os desejos falidos
debaixo da chuva rala,
sorrisos aprisionados
dentro do porta-retratos.

Levo o que foi atropelado,
deformado, abnegado,
frente ao mar bravo
conheço toda a sorte de naufrágio.

Agarro qualquer coisa,
momentos inúteis
que não deixaram traços,
algum resto, algum destroço,
qualquer coisa quebrada,
ficou o brilho de perdidos anéis,
e o resultado da soma
em algum ábaco.

Poeta Jardim

015CTA2019

VIVO PRESENTE



Hoje deixo-vos um pequeno gesto
Um sorriso, uma lágrima,
Um abraço, um virar as costas!
Talvez não consigas entender
Por quês?
No decorrer do crescimento,
Entenderás!
Que cada sorriso deixou uma mensagem
Como o sol deixa todas as manhãs.
Que cada lágrima teve um significado
Como o vento cortante nos dias de outono
Que cada abraço, continha uma verdadeira intenção
Como um arame que ajeita a planta não a deixando cair.
Que cada virar de costas uma dor ou talvez não.

Afasto-me, porque amo
A ti ou a mim!
Mas em nome do amor...
Afasto-me porque vivo!
Entre saturar e o sangramento
Afasto-me fisicamente
Porque assim dita pensamento.

Sei que amanhã tudo será diferente
E nos meus mais pequenos gestos
Encontrará:
Os grandes frutos que alimentam.
Deles a semente do amanhã.

Vieirinha Vieira

017CTA2019

PRINCESA ARIEL



Um nome sempre provoca diferentes reações em quem o escuta. Para alguns, o nome Ariel remete ao anjo; para outros, vêm à lembrança a Pequena Sereia; aquela mesma contada pelos irmãos Grimm. Uma jovem Sereia que um dia resgata o jovem príncipe de um naufrágio e, para poder ir em terra firme e conquistá-lo, aceita trocar sua bela voz - invejada pela bruxa do mar -, que promete transformar a sua cauda de sereia em pernas. Imortalizada no imaginário infantil como uma bela Sereia – a menina de cabelos ruivos ao ganhar as telas do cinema, a Sereia do conto deixou as páginas do livro e assim entrou para sempre no coração das crianças.

E foi mesmo uma criança quem resolveu nomear aquele ser quase mitológico como Ariel. A mistura inusitada de duas raças pequenas de cachorro, Pincher e Poodle microtoy - e que atrevo-me a dizer, que a mistura não mais se repetirá, de tão esdrúxula combinação, que resultou numa cachorra muito pequena, magra de pelos encaracolados do focinho à cauda e com, no máximo, um palmo de altura .

Como explicar para vocês quem foi Ariel?

Talvez seja mais fácil dizer como ela entrou em nossas vidas.

Criei meus filhos sempre cercados por animais, tanto gatos quanto cachorros, convivendo em harmonia.

Porém, a vida de nossos companheiros de quatro patas é muito mais curta do que a nossa e, não raro, temos que lidar com o dia em que o inevitável acontece.

Decidimos adotar um cão. Coloquei a caçula – na época com menos de dois anos - no carrinho de passeio para bebês e fomos juntas numa jornada especial até a Pet Shop, onde sempre há animais para doação.

No caminho, porém, encontrei um amigo da família que estava inaugurando sua loja de ferragens. Como não sairia do itinerário previsto resolvi que não faria mal ir até lá para uma rápida visita de cortesia.

Mal entrei com o carrinho no estabelecimento, percebi um anúncio fixado onde meu amigo anunciava a doação inteira de uma ninhada de cinco cãozinhos de dois meses. E melhor ainda: os animais estavam ali mesmo, no fundo da loja!

- Posso vê-los?

- Oh! Já doei quase todos!

- Ah! – respondi - Que pena! Mas... Quase, foi o que disse? Quer dizer que restou um?

- Bem... Sobrou uma sim; mas acho que a senhora não vai querer Ariel!

- Já tem nome então? Que gracinha!

Minha filha, assim que ouviu o nome começou a dizer, batendo palmas:

- Ariel! Ariel!

- É o personagem preferido dela - expliquei sorrindo.

- Da minha filha também! Ele retrucou sorrindo ao ver a reação espontânea da pequena.

- Posso vê-la então?

- Sim, porém, não repare. Ela está bem no fundo da loja embaixo da escada. Estava mesmo pensando no que iria fazer já que não teria como ficar com mais um cão em casa.

- Imagino. Comentei antes de entrar com a pequena pela mão para que não corresse no interior da loja com suas pernas vacilantes.

Sabe aquele amor que atinge a gente feito um raio e derruba nossas estruturas?

Coloquei Ariel na cestinha na parte de trás do carrinho de bebê e voltamos para casa.

Ainda abria o portão quando fui crivada de perguntas:

- Não tinha nenhum cão na Pet Shop?

- Mas você não ia adotar um cãozinho, não? Desistiu?

- Não! Consegui responder—Não desisti. Meu marido olhou sem entender.

Retirei a cadela do interior da cestinha e, com cuidado, transferei o animalzinho que cabia inteiro na palma de minha mão para as mãos dele.

- Essa é Ariel!

- Você chama isso de cão? Ele falou segurando a cachorra.

- É um cão, eu garanto! Vai crescer... um pouquinho... mas vai! É valente. Será uma boa cadelinha. Olhe a alegria de nossa filha!

- Você sai para buscar um cachorro e traz pra casa um projeto de bichinho de pelúcia!

Não sei quem disse que existem filhos que só uma mãe é capaz de amar. Não foi o caso de Ariel. Todos que a conheceram caíram de amores por ela, evidentemente depois de se recuperar do susto inicial!

A primeira vez que nosso carteiro a viu correndo no quintal apontou em sua direção ainda com a carta que entregaria em mãos:

- Dona! Olha só o tamanho desse rato!

Tive muito trabalho para convencer às crianças que ela era uma cachorra e não um brinquedo. Ainda assim, vez ou outra, lá estava ela vestida com roupa de boneca e sendo empurrada pelo quintal, sentada no carrinho de brinquedo.

Escondida graças ao seu diminuto tamanho, surgia de repente assim, só para dar um alarme quando um vizinho ou mesmo estranho se aproximava do portão. Ela se fazia ouvir com seus latidos estridentes e os outros cães surgiam a seu comando, prontos para colocar o intruso para correr!

Como todos nossos amigos peludos, um dia Ariel se despediu de nós e de meu quintal e se apossou em definitivo de nossos corações. É lá onde ela viverá para sempre.

Princesa Ariel em seu reino encantado.

Michelle Louise Paranhos

018CTA2019

MICROCONTO



Deram-lhes todo o poder, os tratavam como Rainha e Rei ou até mais, como verdadeiras divindades. E faziam muito bem, pois naquela era automatizada e infértil - e por isso sem possibilidade de futuro -, sabiam que somente aquele casal guardava ainda em si, as sementes do amanhã! O Amor garantia assim, uma vez mais, o futuro da Humanidade!

Maria Teresa Moreira

020CTA2019

NEM TUDO QUE PARECE SER, É.



Há uns trinta anos, um universitário e motoqueiro, com a ousadia própria da juventude e todas as características de um machista da época, tinha uma característica: sempre que uma mulher se insinuava para ele, sentia-se na obrigação de corresponder.

Uma noite, dirigindo-se ao estacionamento da faculdade para retornar a sua residência, viu uma jovem que sorria e fazia um sinal com a mão para que a acompanhasse. Olhando com mais atenção para ela, percebeu que usava um longo vestido branco e, sentindo um arrepio de medo, diferente do seu costumeiro comportamento, ignorou o convite. Essa cena se repetiu por diversas noites. Depois de alguns convites, o medo começara a diminuir e ele, ao sair da sala de aula já ansiava por ver a linda e risonha jovem. O que ela desejava, ele deduzia, mas um questionamento persistia: por que eu?

Outro detalhe que passaria despercebido à maioria dos homens, o deixava intrigado: Por que ela usa sempre o mesmo vestido?

Uma noite, movido pela curiosidade, foi até ela:

- Boa noite!

Sua voz delicada o surpreendeu:

- Boa noite!

- Eu a vejo sempre aqui. Você também estuda nessa faculdade?

- Não, não estudo mais. Venho para observar os jovens e sempre escolho algum para fazer a mesma proposta. Percebo que você é um conquistador, isso me atrai e por isso o escolhi.

Constatando o quanto ela era ousada, traço que não era comum nas moças da época, chegou mais perto e um forte odor de flores envelhecidas entrou pelas suas narinas, causando-lhe repugnância. Mas o desejo de aventura com uma mulher que fugia dos padrões, o fez propor:

- Vamos circular de moto pela cidade?

- Só aceito o convite se eu indicar o rumo. Pode ser?

Galanteador e curioso, aceitou:

- Pode! Adoraria ter meu destino conduzido por uma linda mulher!

Seguindo a orientação dela, saíram do centro da cidade e logo as casas foram ficando para trás. Pensando que ela estava procurando um local mais deserto para o primeiro encontro amoroso, ficou surpreso quando, passando em frente a um cemitério simples, ouviu:

- Pode entrar!

Surpreso e com muito medo, ele perguntou:

- Entrar nesse cemitério, à noite?

- Sim! Está com medo? Pensei que fosse um jovem corajoso!

Tremendo e percebendo que sua voz falhava, com algum esforço conseguiu dizer:

- Medo dos vivos eu não tenho, mas dos mortos...

Constatando que havia denunciado uma grande fraqueza, mas querendo manter a pose de valentão, ele continuou:

- Na verdade, não entenda isso como medo e sim como um profundo respeito pelos que não são mais desse mundo!

Dando uma gargalhada, ela perguntou:

- E quem lhe disse que não são? E afirmo que eles não serão incomodados.

- Sim, com certeza, não serão incomodados... isso eu sei...

- Então, ou namoramos aqui ou volte logo para sua casa!

- Deixando você aqui?

- Sim.

- Não, eu sou um cavalheiro, nunca deixaria uma dama em lugar deserto e perigoso.

- Estou acostumada com isso!

- Isso o quê?
- Andar nesse cemitério!
- Nossa, que passeios mórbidos você faz!

Irritada, ela perguntou:

- Vai aceitar ou não?

Querendo demonstrar uma coragem que não sentia, ele desceu da moto e a acompanhou, surpreso com sua coragem e desenvoltura. Como que para aumentar o clima de terror, nesta noite soprava um vento forte que balançava as folhas dos pés de eucaliptos que formavam uma pequena mata, logo após o muro baixo que circundava o terreno.

Esse foi o primeiro encontro de muitos que se seguiriam. Em um deles, percebendo que não sabia nada sobre a jovem, disse-lhe:

- Gostaria de conhecê-la melhor!
- Para quê? Isso não é importante!
- Fale apenas o seu nome...
- Maria da Conceição Duarte.
- E você nasceu nessa cidade?

- Sim. E já está querendo saber muito: chega de perguntas para o encanto permanecer.

Entendendo que “encanto”, para ela deveria significar mistério, ele não fez mais perguntas.

Como esse tipo de relacionamento não tem vida longa, chegou o dia em que sua excêntrica parceira deixou de frequentar o estacionamento e eles nunca mais se viram.

Jovem e conquistador, ele não ficou aborrecido com o término da relação. Por algum tempo, permaneceu apenas com a imagem de uma mulher que usava sempre o mesmo perfume, o mesmo vestido e tinha comportamentos mórbidos. Mas pensar nela ainda lhe provocava arrepios.

Alguns anos se passaram e, para sua infelicidade, um amigo de longa data faleceu em acidente de moto. Consternado, ele compareceu ao velório e ao enterro. Aventureiro e sempre sem dinheiro, esse homem não pensava no futuro e, para enterrá-lo, os amigos fizeram uma “vaquinha”.

Muito abalado, depois que o corpo do seu amigo foi colocado em uma cova do cemitério onde os desvalidos eram enterrados, e todos se retiraram, permaneceu no local pensando sobre a fragilidade da vida e o quanto sentiria a falta do parceiro de muitas aventuras.

De repente, sentiu que um odor familiar entrava pelas suas narinas e ele recordou-se da jovem que, muitas vezes o aguardava no estacionamento da faculdade. Sentiu vontade de rever o local onde os ardentes encontros amorosos aconteciam e dirigiu-se para a entrada do cemitério. Acompanhado pelo perfume de flores envelhecidas, ele logo encontrou o túmulo coberto por uma camada de musgo, o que lhe dava um ar de abandono. Teve a curiosidade de ler a lápide do jazigo que tanto atraía sua jovem e ousada parceira:

Maria da Conceição Duarte

Saudades eternas

- Nascida em Campo Grande, em 1924

+ Falecida em 1943

Não acreditando no que lia, ele procurou alguma foto e encontrou a imagem desbotada da jovem que ele conhecera intimamente: os mesmos cabelos longos e a roupa branca que ela sempre usava, reforçavam a imagem que permanecera na sua memória.

Rosemari Gindri

022CTA2019

MÁQUINA DE RÓTULOS



Por que insistimos em querer a aprovação das pessoas?

Já parou para pensar em quantas vezes nos sentimos mal, deixamos de fazer o que gostamos, de vestir o que nos faz sentir bem, com medo do que os outros vão pensar?

Já parou para analisar quantas vezes deixamos de nos divertir, com medo da opinião dos outros?

Afinal, por qual razão uma pessoa de 20 anos não pode ir numa cama elástica? Por qual motivo um homem não pode vestir rosa e uma mulher vestir azul, se não pode pintar o cabelo, a barba... da cor que quer com medo da reação dos outros, o que significa a palavra se arriscar então?

Se não pode usar a maquiagem do jeito que quer, o cabelo bagunçado e sair assim mesmo na rua, de que vale sair então?

Se não pode estar numa festa dançando loucamente, qual a razão de ir?

Vivemos numa sociedade que tem rótulos e rótulos, onde precisamos nos esforçar para sermos aceitos, mas dentre tantos esforços não percebemos que temos que ser aceitos por nós mesmos.

Entre tantos rótulos, não enxergamos que nós podemos ser exatamente o que quisermos, sem nos preocuparmos com os outros.

A única opinião que conta é a sua e o único jeito de sabermos que estamos no caminho certo, é viver intensamente até o último dia, é pular numa cama elástica, pintar o cabelo de azul a barba de verde, colocar uma maquiagem bem louca e o cabelo mais louco ainda e dançar como se fosse o último dia.

Não precisamos ser aceitos, só precisamos viver.

Victória Araújo

026CTA2019

ADOLESCER



Ah! A adolescência! Que fase mais bonita e traiçoeira!

Traz-se viva à lembrança a criança que já não existe, o sorriso fácil acompanhando as conquistas infantis

Por qualquer admoestação, ínfima que fosse, deixava-se escorregar dos lábios a frase mágica que a tudo, ou quase tudo, resolvia:

- Vou falar com a minha mãe!

Eis que então por volta dos doze, treze anos, o mundo inteiro perde a cor.

Súbito nevoeiro surge para impedir a visão do futuro, logo ali em frente.

O caminho torna-se, agora, incerto. O adolescente titubeia, como um naufrago, perdido em si mesmo. Uma hora quer ir para, no mesmo instante, volver nos próprios calcanhares, buscando o conforto dos brinquedos abandonados.

Quando foi que a bola perdeu o encanto e a boneca descabelada vestiu-se de roto vestido?

Ah! Adolescência!

Não se troca mais figurinhas. A vez agora é de segredos e beijos roubados!

Se toda fase tem seu encanto, existe, sim, beleza escondida sobre o rosto matizado por espinhas; embaixo, a franja esconde os olhos que insinuam mistério onde apenas não se quer revelar resquícios da infância.

Há quem sinta saudade da juventude ou mesmo de sua meninice.

Eu tenho saudade da adolescência e, de quando todas as possibilidades eram possíveis e o futuro um desejo mais que realidade.

Agora que já há mais passado que futuro diante de mim, lembro com saudade desse tempo e, agora que minha filha se emburra no quarto, carente, aborrecendo outros e a si mesma, digo-lhe para ter calma e viver cada momento de sua vida.

Um dia ela sentirá falta de adolescer!

Michelle Louise Paranhos

030CTA2019

The background features several dandelions in various colors: black, pink, blue, and yellow. Black seeds are shown blowing away from the dandelions, and several blue birds are flying across the scene.

VENCEDORES DO CONCURSO DE TEXTOS ANÔNIMOS

5º Lugar: Carlos Poeta

4º Lugar: Ana Rosenrot

3º Lugar: Regiane Lima

2º Lugar: Aline Duarte

1º Lugar: Poeta Jardim



QUINTO
Lugar

CHORO DA TERRA



(uma reflexão por Brumadinho).

Comoção que explode
Em intenso pesar
Terra chora
Pelos poros afora
Todo seu amargar

Choro da Terra
Lágrimas escorrendo
Em profundo lamento
Pela vida que sai

Choro da Terra
Marrom e horrendo
Fruto, alimento
E a alma humana decai...

Choro da Terra
Violência, descaso
Caminhando passo a passo
Em busca da destruição...


Choro da Terra
Pela ausência do amor
Insensível à dor
Doentes corações...

Choro da Terra
Cruel, lamacento
Provocando talvez
Arrependimento
Pela vida de muitos irmãos...

Choro da Terra
Em total desalinho
Chora o Brasil,
Chora Brumadinho...

Carlos Poeta

013CTA2019



QUARTO
Lugar

PAISAGEM DE CIMENTO



Haviam flores naquele canteiro,
os galhos das árvores o vento balançava,
a poluição tomou o bosque inteiro,
está tão diferente de como eu me lembrava.

Hoje a paisagem é feita de cimento,
prédios altos e feios monumentos,
a beleza agora, só em meu pensamento.

Caminho triste, achando que tudo acabou,
mas existe verde na paisagem cinza,
uma planta insistente no cimento brotou.

Aquele verde era a vida,
lutando dia a dia para crescer,
como nós na luta diária,
a esperança nunca devemos perder.

Ana Rosenrot

016CTA2019



TERCEIRO
Lugar

SIRVA-ME A SEMENTE DO AMANHÃ



A semente da verdade, a semente do amanhã...

Já caminhando para a velhice um senhor de apenas oitenta anos, sentou-se a beira de um rio, e como nunca fizera, sentiu um frio, e um arrepio que dominava toda sua mente, com as lembranças de um belo jovem sonhador.

Ele gostava muito de comer uvas. Admirando-as, ficava muito feliz ao ver as pequenas sementinhas crescendo no vinhedo e dando lindos cachos, toda a sua grande riqueza. Adormeceu, num lugar lindo, onde o sol, as estrelas, o vento e o amor reinavam soberanos...

Amor para dar frutos e espalhar perfumes, que há muitos beneficiam, necessita ser semeado no coração das outras pessoas. Temos a capacidade de transformar o deserto em que o mundo está se tornando, num imenso oásis de paz, amor, humildade e beleza, cada um fazendo a sua parte. Não podia evitar as lágrimas, e viu-se quando foi lançada à terra aquela sementinha e, regada com o amor que dedicou a tal tarefa para lhe render bons frutos e muito dinheiro, junto com todo o seu poder. Mas, esqueceu-se de plantar uma só semente, a semente do amanhã, o amor ao próximo e a si mesmo com boas obras. Era capitalista e egoísta!

E ouviu uma voz bem suave ao longe... E, sem saber quem era, olhou confuso...

- Acho que morri... Será mesmo, meu Deus!
- O que me serves, homem?
- Qual o teu legado?

O senhor, todo atordoado, parou por uns instantes e sem palavras nada respondeu àquele moço tão jovem e belo.

- Fiz da minha vida um rio de grandeza, tenho bens e não devo a ninguém...

Isso não é tudo?

- Tenho vários empregados que cumprem minhas ordens e me servem.

Egoísta, sorriu o senhor, se achando o mais importante de todos e tudo, mais reservado, secreto e misterioso, crescia também, trazendo até o núcleo central, grandeza e superioridade.

Disse a voz de paz e cheia de amor:

- Servi-me a verdade

- Servi- me a alegria

- Servi-me as suas preces de gratidão e não os seus pedidos

- Servi- me um culto e sirva os carentes, pobres e necessitados.

- Sirva- me a Semente do Amanhã.

Mais atordoado ficou e, percebeu a chegada de um enviado de Deus, para regenerar aquela pobre alma... A do senhor João!

- Aqui está a verdade das sementes que me haveis oferecido:

- Pedidos e mais pedidos, sem graças e confissões, disse ele, esboçando um leve sorriso. Tem livros com poucas páginas, e, porém, uma falta!

- O senhor acha mesmo que estas sementes vão germinar na beira da estrada? Irei dar a você uma segunda chance, disse o enviado de Deus, dou continuidade à vida, mas, tem uma só condição:

- Semeando o amor, a amizade, o entusiasmo e a alegria. Não se esqueça da doce paz, da lealdade, da fidelidade, da igualdade, da solidariedade, enfim, descubra o que tens que me apresentar quando tu voltares. Nesse instante, ouviu risos de criança, e viu muitas flores... A paisagem colorida, perfumada e linda!

- Deixe a sua marca, a beleza para a contemplação e a felicidade das pessoas, lembre-se o hoje é semente do amanhã, usando a fé como luz para teus olhos.

Pensou, suspirou, mas continuou andando num jardim maravilhoso, só que ele tinha um medo, um preconceito que ninguém sabia, tinha medo do escuro e se achava feio... E não gostando nadinha

do sabor amargo que sentiu naquela hora, conversando com o enviado de Deus, era preciso mudar, tomar uma decisão para voltar. E o chamou de um jeito doce. Mas não se mexeu. Quanto mais ele andava, para mais longe o escuro ia... Precisava ser rápido, pois estavam faltando poucos minutos para voltar ou ficar de vez. Basta ter o coração bem alegre que a alegria de dentro deixa a gente bonita por fora, entendeu e de repente voltou a respirar, correu e bem cansado, disse aos seus empregados:

- Morri e Voltei!

Todos muito assustados e sem entender, apenas balançaram a cabeça, pois temiam o seu dono, porém percebeu que havia algo diferente e especial em seu modo de olhar e falar, estava mais iluminado e com amor. Uma fisionomia jovial e refletida de luminosidade.

- Vamos dar uma festa e cada um de vocês terá que dizer que semente quer para plantar. Preparem-se e venham com seus embornais para levar suas sementes. E assim todos se retiraram para se preparar para a grande festa da noite... E eles conversavam entre si... É, ele conseguiu essa alegria, estava fazendo todo aquele pessoal ficar feliz!!!

- Esse pano xadrez, que bonito Dona Maria.

- Verdade, senhor Paulo

- João aproxime-se e venha na cozinha.

E cada um levou seu embornal para receber as sementes, as famílias bem vestidas, e o céu iluminava toda a varanda da sede com belas estrelas, os animais faziam seus ruídos, todos em festa. Incentive-as a manterem a cabeça firme e o coração aquecido!

- Aproximem-se!!

Começou a chamar pelo nome, cada um de sua fazenda, e a família, parecia sem fim...

- Uma surpresa para mim? Onde?

- Dona Minhoca

- Ah! Eu me lembro! Veio o tio Paulo, o tio João, a tia Josefina.

- Que maravilha!

- Mas existem outras saudades: De um passeio gostoso, de uma viagem, de uma festa, de um amigo, de uma amiga, de um parente que mora longe...

A estrelinha sorriu.

Bem baixinho, no seu ouvido:


– Preciso te contar um segredo: Eu acho que já entendi... Agora já sei o que é saudade! Decifrar, interpretar, decodificar, compreender, analisar, imaginar! Nada como se perder no universo encantado dos livros, nossa história, escrita por Deus. E todos levaram em seu embornal as sementes do amanhã que são:

- A paz e o amor
- A sabedoria
- O sonho com a fé
- Um mundo melhor e mais humilde
- O adulto é a própria semente
- A criança é a Semente do Amanhã
- Semear valores e colher conhecimentos
- O perdão

E assim, João se regenerou, sendo um bom e amável homem, onde a riqueza não mais influenciava os seus sentimentos, que se tornaram brancos e um coração generoso e bondoso para os necessitados. Devemos ser A Semente Do amanhã com boas ações.

Regiane Lima

028CTA2019



SEGUNDO
Lugar

ATRAVÉS DA JANELA



Vejo através da janela
O nascer do sol a cada amanhecer
Vejo através dela
Famílias despertando para mais um dia

Pássaros cantam no silêncio da alvorada
Enquanto o café fumega na xícara
E um sorriso surge
De uma mensagem recebida

Vejo através da janela
O sol ascendendo no horizonte
Antes céu negro infinito
Agora azul anil com tons de púrpura

O relógio desperta
O chão está escorregadio
A respiração condensa-se no ar
O vento esvoaça os cabelos
O dia começa através da janela

Aline Duarte

002CTA2019



PRIMEIRO
Lugar

ETERNOS DIAS



Foram eternos dias a distanciar nossas vidas.
Nossos corpos, separados, recriaram seus instintos,
circunspectos, mesclados a um proscênio fosco
atuamos como se nunca houvéssemos nos encontrado,
nos tocado, nos provado, nos revelado,
determinados, sob um céu ordinário.

Foram eternos dias a desamarrar nossos destinos,
a silenciar nossos gritos em nossa cama.
E a cada noite eu os ouvia, nesta cama agora vazia,
nossos fôlegos sob esta mesma lua.
Tua saliva e tua secreção a corromperem todos os hinos
onde agora só restam demônios.

Foram eternos dias apagando nossos nomes,
o céu de tua boca, abrigo do falo insistente,
agora apenas um vácuo inconstante.
Tantos foram os nós nunca desfeitos,
éramos anjos tentando saciar nossas fomes,
tentando iludir a dor persistente.

Foram eternos dias que escreveram nossa história,
a tua voz persiste ainda na noite escura.
A tua falta ocupa o espaço do ambiente,

doce ausência em minha memória,
amargo sabor neste dia que se inicia.
Nossas vitórias, nossas derrotas são um perjúrio.

Foram eternos dias que fecharam minhas feridas,
estancaram o sangue à minha revelia
nas avenidas do meu infortúnio,
entre os meus clamores sem sentido.

Bardo errante sem rumo
imerso em delírios, pecados e loucura.

Foram eternos dias a consolidar nossos receios
entre os credos de tua púbis sob esta sombra nua.

Nossa intimidade subverteu nossa lua
renegando a inexistente paz de nossa teia,
do que passou a se chamar presente
em nossas faces somente a negrura.

Poeta Jardim

027CTA2019

PATROCINADORES

Leia Livros Editora e Livraria
Edição e Impressão de Livros

 www.leia-livros.com **Serviços**
marketing@leia-livros.com

ISBN FIC Ficha Catalográfica	Revisão Diagramação Edição Final	Capa Completa Capa e-book Tradução	Impressão web site booktrailer
--	---	---	---



Eduardo Baccarin Costa
Professor / Poeta / Produtor Cultural

**Mestre em
Estudos Literários
pela UEL.
Especialista em
Língua Portuguesa.**

 **Contos de romance: O Solitário de 406**



Ficção em Tópicos
O site mais completo sobre storytelling
em Português.

**ESCREVA PARA EXPRESSAR
NÃO PARA IMPRESSIONAR**



FICÇÃOemTÓPICOS



Editor: Diego Schuff

Shirley Cavalcante
Jornalista



**DIVULGA ★★★★★
ESCRITOR**

